

Lançamento da Campanha “Com o trabalho infantil, muitos sonhos acabam”

(Saudações...)

Bom dia a todos.

Início minha breve fala, ainda uma vez, ancorado no Evangelho de Jesus.

E traziam-lhe também meninos, para que ele lhes tocasse; e os discípulos, vendo isto, repreendiam-nos.

Mas Jesus, chamando-os para si, disse: “Deixai vir a mim os meninos, e não os impeçais, porque dos tais é o reino de Deus.”

Lucas 18:15,16.

Quantas vezes, tomados pela hipocrisia, temos agido exatamente como os discípulos, com soberba e indiferença ante a graça e a pureza das crianças, assentados no pretenso poder e na ilusória autoridade de adultos que somos – ou pensamos ser –, brandindo-lhes a fria espada da repreensão, afastando-as desafeitadamente, sem desvelo algum para com os nossos pequeninos, sem ternura e sem amor?

Quantas vezes temos cerrado os olhos à magia do sonho que se esvai na aspereza e na letargia do trabalho feito a duras penas por crianças e adolescentes deste imenso país ao qual outorgamos o título de pátria-mãe, a despeito da vergonha e da dor que nos assola o peito? Pátria-mãe nem tão gentil nem tão desperta como a cantávamos em verso e prosa.

Eis o nosso Brasil desigual e injusto, repleto de mazelas varonis e ávido de mudanças que o ponham, enfim, nos trilhos da modernidade, da compaixão, da empatia, do amor e da fraternidade.

Não há progresso nem desenvolvimento no ranço da desesperança. Enquanto houver um sem-teto, um sem-escola, um sem-trabalho que seja, não haverá espaço para ufanismo.

Que dizer, então, do trabalho infantil, tão nocivo e tão cruel, como o prestado em regime de escravidão ou semiescravidão – mais comumente conhecido por sua condição análoga à da escravidão –, ou como o que é feito nos nossos vastos e ímpios canaviais, nossas fuliginosas carvoarias, nossos infernais

fornos quentes, entre outras espécies de labor igualmente indigno e aviltante, máxime quando resultam de inocentes mãos de crianças e adolescentes? Dizer o quê?

Se voltarmos nossos olhos para formas mais degradantes de trabalho infantil, tirarmos o véu que teimamos em manter postos sobre eles, a alheá-los da dura realidade, se o fizermos, veremos, estarrecidos, quão embrenhado estamos no atraso, na ignorância e na estupidez. É o Brasil que temos, não o que queremos.

Porque o Brasil que temos é este: um país que impõe trabalho escravo a suas crianças e adolescentes, e por corolário jornadas excessivas e extenuantes, trabalhos forçados, maus-tratos, exploração da prostituição, pornografia etc. É o que reservamos às nossas desvalidas crianças e adolescentes, enquanto deitamos nossas vãs consciências em berço esplêndido. E dormimos profundamente, serenamente, indiferentemente.

Campanhas como a que ora é lançada revestem-se, por isso, de importância ímpar para a sociedade. Este momento é histórico, deve ser assim reputado e registrado. A posteridade há de colher os frutos da semente hoje plantada, e as crianças e os adolescentes de amanhã hão de sonhar os sonhos que bem merecem, a que lidimamente têm direito e para os quais Deus as criou e prometeu. Eles são a promessa de dias melhores e de libertação. Por isso Jesus as acolhia amorosamente em seu seio, apesar da indiferença e da burocracia que já grassava entre seus discípulos, há dois mil anos.

Ante tais constatações, cumpre-me apenas congratular-me com os organizadores do evento, dizendo-lhes que andam bem, que andaram muito bem ao eleger este caminho e ao seguir este caminho.

O Ministério Público do Trabalho mais uma vez dá-nos prova definitiva da relevância imensurável do papel que desempenha no cenário político, econômico, social, jurídico e – por que não? - estético, do Brasil contemporâneo. Afinal, tal como em Caetano, “gente é pra brilhar, não pra morrer de fome.”

Criança e adolescente não foram criados para o trabalho, tampouco para o trabalho forçado ou escravo.

Crianças não nasceram mudas telepáticas, não podem sofrer o jugo da impiedade e da ganância dos homens.

Citando Albert Camus, “Não é o sofrimento das crianças que se torna revoltante em si mesmo, mas sim que nada justifica tal sofrimento.” Nada, nada, nada. É hora de mudarmos este quadro de horror.

Obrigado a todos por me ouvirem respeitosamente.

Obrigado, de modo especial, ao convite gentilmente formulado pelo Excelentíssimo Procurador do Trabalho Tiago Ranieri de Oliveira, Vice-Coordenador da Coordenadoria Nacional de Combate à Exploração do Trabalho da Criança e do Adolescente, para compor tão ilustrada e valorosa mesa.

A todos, um excelente e frutuoso dia.

Goiânia, 5 de outubro de 2015.

Desembargador ALDON DO VALE ALVES TAGLIALEGNA

Presidente

